

MÁRIO DE ANDRADE

*Macunaíma*¹

(*Fragmento*)

III. Ci, Mãe do Mato

Uma feita os quatro [*Macunaíma, sus hermanos Maanape y Jiguê, y su enamorada, la princesa Iriqui*] iam seguindo por un caminho no mato e estavam penando muito de sede, longe dos igapós e das lagoas. Não tinha nem mesmo umbu no bairro e Vei, a Sol, esfiapando por entre a flohagem guascava sem parada o lombo dos andarengos. Suavam como numa pajelança em que todos tivessem besuntado o corpor com azeite de piquiá, marchavam. De repente Macunaíma parou riscando a noite do silencio com um gesto imenso de alerta. Os outros estacaram. Não se escutava nada porém Macunaíma sussurrou:

–Tem coisa.

Deixaram a linda Iriqui se enfeitando sentada nas raízes duma samaúma e avançaram cautelosos. Ja Vei estava farta de tanto guascar o lombo dos três manos quando légua e meia adiante Macunaíma escoteiro topou com uma cunhã dormindo. Era Ci, Mae do Mato. Logo viu pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas parando lá nas praias de lagoa Espelho da Lua, coada pelo Nhamundá. A cunhã era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo.

O herói se atirou por cima dela pra brincar. Ci não queria. Fez lança de flecha tridente enquanto Macunaíma puxava da pajeú. Foi um pega tremendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos bringuentos diminuido de medo os corpos dos passarinhos. O herói apanhava. Recebera já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara no rabo. A icamiaba não tinha nem um arranhãozinhe e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo de herói soltando berros formidandos que diminuían de medo os corpos dos passarinhos. Afinal, se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos:

–Me acudam que sinão eu mato! me acudam que sinão eu mato!

Os manos vieram a agarraram Ci. Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucu lhe dava uma porrada no coco. E a icamiaba caiu sem auxílio nas samambaias da serrapilheira. Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram entao muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuiins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem.

E os três manos seguiram com a companheira nova. Atravessaram a cidade das Flores evitaram o rio das Amarguras passando por debaixo do salto da Felicidade, tomaram a estrada dos Prazeres e chegaram no capão de Meu Bem que fica nos cerros da Venezuela. Foi de lá que Macunaíma imperou sobre

os matos miteriosos, enquanto Ci comandava nos assaltos as mulheres empunhando txaras de três pontas.

O herói vivia sossegado. Passava os dias marupiara na rede matando formicas taioca, chupitando golinhos estalados de pajauri e quando agarrava cantando acompanhado pelos sons gotejantes do cotcho, os matos reboavam com doçura adormecendo as cobras os carrapatos os mosquitos as formigas e os deuses ruins.

De-noite Ci chegava rescendendo resina de pau, ssangrando das brigas e trepava na rede que ela mesmo tecera con fios de cabelo. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro.

Ficavam rindo longo tempo, bem juntos. Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza.

–Puxa! como você cheira, benzinho?

que ele murmurava gozado. E escancarava as narinas mais. Vinha uma tonteira tão macota que o sono principiava pingando das palpebras dele. Porém a Mãe do Mato inda não estava sastisfeita não e com um jeito de rede que enlaçava os dois convidava o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infernizado, Macunaíma brincava pra não desmentir a fama só, poré cuando Ci queria rir com ele de satisfação:

–Ai! que preguiça!...

que o herói suspirava enfarado. E dando as costa pra ela adormecia bem. Mas Ci queria brincar ainda mais... Convidava convidava... O herói ferrado no sono. Então a Mãe do Mato pegava na txara e cotucava o companheiro. Macunaíma se acordava dando grandes gargalhadas estorcegando de cócegas.

–Faz isso não, oferecida!

–Faço!

–Deixa a gente dormir, seu bem...

–Vamos brincar.

–Ai! que preguiça!...

E brincavam mais outra vez.

Porém nos dias de muito pajauri bebido, Ci encontrava o Imperador do Mato-Virgem largado por aí num porre mâi. Iam brincar e herói esquecia no meio.

–Então, herói!

–Então o que!

–Você não continua?

–Continua o que!

–Pois, meus pecados, a gente está brincando e vai você pára o meio!

–Ai! que preguiça...

Macunaíma mal esboçava de tão chumbado. E procurando um macio nos cabelos da companheira adormecia feliz.

Então pra animá-lo Ci empregava o estratagem sublime. Buscava no mato a frolhagem do fogo da urtiga e sapecava com ela uma coça coçadeira no

chuí do herói e na nalachítchi dela. Isso Macunaíma ficava que ficava um lião querendo. Ci também. E os dois brincavam que mais brincavam num deboche de ardor prodigioso.

Mais era nas noites de insônia que o gozo inventava mais. Quando todas as estrelas incendiadas derramavam sobre a Terra um ódio calorento que ninguém não suportava tão quete, corria pelo mato uma presença de incêndio. Nem a passarinhada aguantava no ninho. Mexia inquieta o pescoço, voava pro galho em rente e no milagre mais enorme deste mundo inventava de sopetão uma alvorada preta, cantacantando que não tinha fim. A bulha era tremenda o cheiro poderoso e o calor inda mais.

Macunaíma dava um safanão na rede atirando Ci longe. Ela acordava feito fúria e crescia pra cima dele. Brincavam assim. E agora despertados inteiramente pelo gozo inventavam artes novas de brincar.

¹ Mário de Andrade (2001)²¹ *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter* (Rio de Janeiro: Garnier). Primera edición 1928.